

# LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: UMA NOVA OUTRA HISTÓRIA, DE MARISA LAJOLO E REGINA ZILBERMAN

**Patrícia Aparecida Beraldo Romano\***

 <https://orcid.org/0000-0002-0550-8490>

**Como citar esta resenha:** ROMANO, P. A. B. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-7, jan./abr. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETRE2011560

**Submissão:** junho de 2018. **Aceite:** setembro de 2018.

■ **O** texto das duas professoras especialistas em literatura infantojuvenil surge num momento bastante polêmico quanto ao uso que a escola tem feito das novas tecnologias da comunicação existentes e disponíveis para a formação do leitor brasileiro e desperta o profissional da área da leitura, da literatura e da educação para um posicionamento a respeito do seu trabalho como mediador desse conhecimento.

Marisa Lajolo é professora aposentada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e atualmente leciona na graduação e pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). É uma das mais reconhecidas especialistas da obra de Monteiro Lobato. Regina Zilberman é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ambas dedicaram seus estudos também à literatura infantojuvenil com obras clássicas como *Literatura infantil brasileira: história e histórias* (1984) e *Um Brasil para crianças* (1986), que tiveram importância ímpar na graduação e pós-graduação universitária brasileira na área de Letras. Dez anos depois, unem-se novamente para discutir questões sobre a formação (ou não) do leitor brasileiro com a obra *A formação da leitura no Brasil*

---

\* Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Marabá, PA, Brasil. E-mail: paberaldo@yahoo.com

(1996). Além disso, também são autoras de muitos artigos publicados em revistas especializadas no assunto.

O leitor especializado já começa a leitura se deparando com o motivador prefácio do historiador e professor Roger Chartier, muito respeitado nos meios acadêmicos atuais e estudioso da materialidade da obra literária. Ele estabelece três reflexões das estudiosas como suporte da discussão das escritoras sobre as produções infantis dos últimos 30 anos, objetivo do livro em questão. A primeira aposta, como ele nomeia, remete ao mundo do livro impresso e às suas relações, hoje, com o mundo digital; a segunda estabelece relações entre o mundo digital e o mercado editorial, um assunto ainda polêmico, já que a forma digital parece não ter encontrado seu espaço definido no mercado; e a terceira mostra a dificuldade de a escola se relacionar com as novas produções de livros digitais disponíveis no mercado.

“Abrindo o livro” é o capítulo que funciona como introdução. Nele as autoras traçam ao leitor um pouco da experiência escritora delas no passado, retornando a títulos que, juntas, produziram nas décadas de 1980 e 1990 sobre literatura infantil e formação do leitor. Esclarecem que, a partir dessa retomada, optaram por não apresentar, no trabalho em questão, obras e escritores em ordem cronológica, a não ser que se fizesse necessário para algum esclarecimento. O posicionamento é recuperar a tríade de Antonio Candido – autores, obras, públicos – que, em função de momentos históricos diferentes, interagem entre si e afetam o novo contexto social do país onde estão sendo publicadas as obras de literatura infantil e juvenil, com novos formatos de produção e de circulação. Todo esse novo diálogo será explorado nos capítulos seguintes.

Encontramos, na sequência, o que seriam os capítulos, um total de quatro. Em cada um deles, encontramos itens, na sua maioria, curtos em extensão de páginas, na direção da própria rapidez dos indivíduos leitores do século XXI, pouco acostumados a longos e densos capítulos teóricos. Essa concisão parece funcionar muito bem, pois a leitura caminha rapidamente, e, quando o leitor menos percebe, já está envolvido nos comentários críticos de obras que partem da primeira versão para *e-book* de *A menina do Narizinho arrebitado* (2007), de Monteiro Lobato. Nessa versão, inclusive, está inserido o trecho omitido pelo autor, na época da segunda edição, por conta de “recortes pedagógicos”, como pode ser confirmar na misiva de Lourenço Filho a Lobato, reproduzida pelas autoras. Além disso, o leitor também se depara com imagens comentadas de “páginas” do *e-book*.

Na sequência, as autoras apresentam textos formados por “plurimedialidades” e “amalgamas de linguagens”, que podem ser encontrados em *sites* como os de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski, repletos de interatividade, ou mesmo em obras no formato tradicional desses mesmos autores (*Poesia visual*, de 2002, e *33 ciberpoemas e uma fábula virtual*, de 1996) ou de outros como Leo Cunha, *Perdido no ciberespaço* (2007), ou mesmo *Todos contra Dante* (2008), de Luís Dill. Há também um espaço para se comentar o trabalho tão diferenciado de Angela Lago sobre o clássico “Chapeuzinho Vermelho”. Em seu *site*, a autora combina, segundo Lajolo e Zilberman, a intertextualidade entre o conto de fadas, a canção “La vie en rose”, de Edith Piaf e Louis Gugliemi, que a menina Chapeuzinho canta em francês, e as imagens das ações da personagem que aparecem na tela do computador que são, algumas, também reproduzidas e discutidas no livro. Algo que, apesar das aparentes dificuldades com a canção em francês, pode ser ricamente explorado por um competente professor-mediador.

O capítulo é finalizado com o item “Tudo ao mesmo tempo agora”, uma espécie de metáfora do que crianças, jovens e adolescentes têm praticado atualmente com as leituras dos textos nas mídias sociais: são capazes de entrar em diversos gêneros textuais – e sair deles – que dialogam entre si (ou não), mas que são conduzidos pela rapidez da contemporaneidade. E, com isso, muitos escritores têm sido atraídos pela criação de *blogs* e *sites* onde fazem a propaganda de seus textos, publicam alguns ou ainda aceitam comentários e sugestões de seus leitores na tentativa de explorar essa nova forma de produzir textos e angariar maior público leitor.

Há um aspecto que nos parece importante salientar: esse tipo de literatura disponibilizada nas páginas da rede está sujeito a um certo desaparecimento. Por motivos que, muitas vezes, o leitor desconhece, a página deixa de ser mantida no ar e toda riqueza de interatividade e novidade corre o risco de desaparecer de um dia para outro em virtude da efemeridade também das publicações no mundo virtual.

Já “O peso dos números e das instituições”, o segundo capítulo, apresenta apenas três itens que discutem a literatura infantojuvenil nas últimas três décadas sob o viés de uma certa tendência à didatização dos textos. A ideia parece ser mostrar como a necessidade de aproximar texto literário de leitor tem gerado constantes recortes pedagógicos em vez de literários e artísticos. Infelizmente, o mercado editorial, cujos grandes consumidores são os poderes federal, estadual e municipal, acaba cedendo a recortes de leitura com fortes intenções didáticas. O capítulo ainda apresenta sete quadros com uma série de dados sobre livros, leituras, vendas, prêmios e programas de leitura realizados nos últimos 30 anos e como isso tem refletido no perfil do leitor brasileiro atual. As análises desses dados contribuem para se entender a relação entre o mercado editorial de livros infantojuvenis e as práticas leitoras contemporâneas, motivadas, inclusive, por programas de leitura como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que, apesar de ter sido bastante importante para um país como o Brasil, teve seus recursos extintos no segundo semestre de 2017. As autoras fazem uma interessante explanação sobre tal programa.

“Novos territórios de criação para crianças e jovens” é o capítulo em que elas apresentam um trabalho mais sistematizado de autores e obras bastante significativos dos últimos 30 anos, em especial, já do século XXI. Reiteram que essas produções trazem um público leitor bastante específico: “um leitor inteligente, capaz de interagir com obras criativas e inovadoras” (p. 80). Também salientam que os traços mais evidentes da criatividade e inovação recorrem “à intertextualidade e [...] à metalinguagem” (p. 80). Como ponto de partida dessas questões, ninguém menos do que Monteiro Lobato e suas obras infantis, com as referências à desconstrução de personagens de contos de fadas e do cinema norte-americano, presentes, por exemplo, em *Reinações de Narizinho* (1931), nos idos anos 1930. Como as autoras apontam, no primeiro item, Lobato não apenas incorpora esses procedimentos, como também inspira autores a executá-los em suas obras, como é o caso de *Amigos secretos* (1996) e *Minhas memórias de Lobato* (1997), de Ana Maria Machado e Luciana Sandroni, respectivamente. Nas veredas ainda da intertextualidade e da metalinguagem, abrem espaço para uma discussão pontual do texto *O fantástico mistério de Feurinha* (1986), de Pedro Bandeira, um clássico da literatura juvenil brasileira.

Na lembrança de que esses textos requerem e formam leitores inteligentes, as autoras mencionam a obra *Procura-se lobo* (2005), de Ana Maria Machado, como

um exemplo de discussão de tema que vai de encontro à linha do “politicamente correto”, que, já há algum tempo, tenta se sobrepor aos valores lúdicos e artístico-literários das obras infantojuvenis. Projetam também a obra *O menino que vendia palavras* (2007), de Ignácio de Loyola Brandão, texto que parece recuperar a paixão do conhecimento pelo significado das palavras e, conseqüentemente, a paixão pelos livros, em um país cuja paixão pela leitura ainda é assunto bastante polêmico.

O segundo item é uma rica explanação sobre o novo indianismo na literatura brasileira, especialmente na infantojuvenil. Partindo de breve esclarecimento sobre o exotismo indianista da segunda metade do século XIX, as autoras apresentam o espaço conquistado na literatura por escritores como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Olívio Jekupê, Yaguarê Yamã, entre outros nomes, que passaram a fazer valer suas identidades indígenas a partir de histórias que resgatam, em especial, a memória e a cultura dos povos desses escritores. O leitor é avisado, de antemão, sobre a legislação que também favoreceu o florescimento dessas narrativas, como as leis n. 6.001, de 19 de dezembro de 1973, ou 9.394/96, ou ainda 11.645/2008. Apesar disso, que pode sugerir um certo didatismo de textos a serem produzidos, o que se encontra nas páginas que seguem é uma amostra de textos literários com reconhecidas características literárias nesse recorte temático. O interessante é que o leitor, pouco versado nessa literatura, consegue construir um repertório de textos a serem lidos e descobertos, portanto.

Por fim, o terceiro item leva o leitor à presença dos livros não verbais. Partindo do clássico *Flicts* (1969), de Ziraldo, as autoras conduzem o leitor até livros impressos com a tecnologia do digital, como é o caso de *Cacoete* (2005), de Eva Furnari, escritora e ilustradora, cujos livros fazem sucesso desde a década de 1980. Nessa obra de Furnari, Lajolo e Zilberman salientam o encontro das técnicas da ilustração importadas de diferentes suportes para o impresso e o resultado que, junto ao texto, elas geram. Na mesma linha de Furnari, as autoras colocam o texto *Maçãs argentinas*, de Paulo Venturelli, cujas ilustrações pertencem a Odilon Moraes. O livro e as ilustrações parecem dialogar com obras de René Magritte, num conjunto de cores e sugestões que cativam o leitor logo no início do livro.

Na sequência, é a vez de se conhecer um pouco sobre *Bichos do lixo* (2013), de Ferreira Gullar, e *Entre linhas* (2013), de Angela Leite de Souza, duas obras publicadas no mesmo ano e ilustradas pelos próprios escritores. Por meio da técnica da colagem e da bricolagem, Gullar sugere que o leitor renove seu olhar para a construção de significados. Souza, em seu texto, apresenta poemas ilustrados, articulando os temas da costura, atividade manual relativamente esquecida pela sociedade mecanizada.

*Telefone sem fio* (2010), de Illan Brenman e Renato Moriconi, figura como o exemplar do livro sem texto, apenas com ilustrações que dialogam com a antiga brincadeira do telefone sem fio. Finalmente, mas muito importante, um espaço para discutir as ilustrações e também os textos de Roger Mello, vencedor do Prêmio Hans Christian Andersen de 2014 como ilustrador. As autoras apresentam pontos de vista críticos sobre quatro obras de Mello, pontuando o processo de ilustração ricamente criativo, em especial quanto ao potencial processo de jogo de cores, muitas vezes brilhantes, que permeiam as imagens do ilustrador. Como se pode ver, o capítulo parte de textos clássicos infantis e juvenis dos últimos 30 anos, apresenta o novo indianismo que nasce com as políticas de leitura dessa época e chega aos textos que dialogam com novos recursos da tecnologia digital que melhoram a “dimensão visual do objeto livro” (p. 112).

Em “Pode haver livro e leitura para além da escola?”, o quarto e último capítulo, a epígrafe de abertura é uma fala do escritor de *best-sellers* e roteirista Raphael Draccon. Sua trilogia *Dragões de Éter* (2007, 2009, 2010) já foi traduzida no México e em Portugal. Seria a epígrafe uma provocação, já que, no mundo da leitura acadêmica, escritores como ele não são bem-vistos? Na verdade, ele vai ao encontro do que Lajolo e Zilberman propõem discutir no capítulo: os autores e seus livros campeões de vendas no mercado editorial atualmente.

Para isso, recorrem à 16ª Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em setembro de 2013, lembrando as obras e os autores “explosões” de vendas como *A arma escarlata* (2013), de Renata Ventura, ou ainda o conjunto da obra de Paula Pimenta. Segundo matéria publicada na internet na época e reproduzida no livro por Lajolo e Zilberman, o consumidor de textos como esses e de séries nacionais e internacionais são jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos. São eles que parecem consumir um gênero que se apresenta no mercado como *fantasy fiction*, traduzido como “fantasia” para o português, mas cuja definição vai muito além do que aparentemente o termo designaria. Segundo as autoras, não se trata de “um gênero de fácil definição” (p. 118). Depois de breve explanação, elas sugerem que “fantasia se tornou recentemente o termo empregado para indicar produções – literárias e não literárias, verbais e não verbais – que apareceram nas últimas décadas do século XX e primeiras do XXI” (p. 118).

No nicho da literatura infantojuvenil, estariam escritores como J. K. Rowling, da saga de *Harry Potter*, e Philip Pullman, de *Fronteiras do universo*. A partir deste último, traçam três marcas sobre o gênero “fantasia”. Na primeira, lembram que obras que seguem tal gênero podem apresentar confronto entre o protagonista e pessoas mais velhas, “mimetizando o conflito de gerações, o atrito entre pais e filhos, e, em sentido mais amplo, o antagonismo entre o Bem e o Mal” (p. 119). Poderiam figurar aqui o próprio *Harry Potter* ou ainda *A bússola de ouro*, que abre a trilogia de *Fronteiras do universo*, de Philip Pullman. Na segunda marca, apareceriam histórias que buscam “ultrapassar o limite da morte” (p. 120), como os textos de *Crepúsculo* (2008), de Stephenie Meyer, e, na terceira, ficariam textos que aproximam a feitiçaria da ciência, em especial, marcados por séries que invadem o mundo dos jovens não apenas pelos livros, mas também pela internet, pelo cinema e pelos *games* eletrônicos. As autoras lembram que, nesse caso, aparecem os *cosplays*, grupos de fãs e seguidores desse material que, geralmente, o imitam e parodiam. No passado, esse gênero foi explorado por Tolkien com *O hobbit* (1937) e a trilogia *O senhor dos anéis* (1954/1955), e também por *As crônicas de Nárnia* (1949-1954), de C. S. Lewis. No Brasil atual, os nomes mais significativos são Raphael Draccon (autor da epígrafe do capítulo), André Vianco, Leonel Caldela e Eduardo Spohr.

Na sequência, as autoras exploram a saga *Dragões de Éter*, de Draccon, e lembram que nessa literatura há uma preferência por explorar as culturas erudita e *pop*, numa saborosa mistura do universo dos contos de fadas com o realismo de cenas do cotidiano de jovens, miscelânea que parece agradar a esse público leitor. Já de Eduardo Spohr, elas analisam *A batalha do Apocalipse* (2010), lembrando ao leitor que o texto se integra à *fantasy fiction* na medida em que se aproxima da narrativa épica, “da simultaneidade de tempos, facultando a fusão entre o passado e o presente, o trânsito entre espaços míticos [...] e realistas [...], a passagem da morte à ressurreição e a ocorrência de metamorfoses fantásticas” (p. 125). No Brasil, portanto, o gênero é representativo da mistura

da cultura elevada com a popular, do erudito com o folclórico, do clássico com o *pop* (p. 125), como elas observam no último parágrafo do item 1 do capítulo, finalizando com a sugestão de que se trata do gênero que talvez melhor realize a “ambicionada antropofagia dos modernistas [...] para além da elite intelectual em que foi concebida” (p. 125).

No segundo item, é a vez das vozes femininas no universo dos textos para jovens. Trata-se do gênero *chicklit*, ainda sem tradução por aqui. São textos assinados por mulheres e com histórias que envolvem o próprio ambiente feminino de liberação sexual, igualdade de gênero e oportunidades de trabalho semelhantes às do mundo masculino. No passado, teria como antecessor o texto *Mulherzinhas* (1868), de Louise May Alcott. Já no século XXI, o gênero se apresenta em nomes como Meg Cabot, com *Diário da princesa* (2002) e *O livro da princesa* (2013), esse último em parceria com a brasileira Paula Pimenta. Segundo as autoras, no Brasil, talvez o gênero tenha começado com Isa Silveira, a partir de 1959, e expandiu-se hoje para nomes como Thalita Rebouças, cuja cifra de volumes impressos é bastante notável para o mercado editorial brasileiro. O leitor logo reconhece os enlatados da série “Fala sério...”, títulos lançados entre 2003 e 2012, cuja protagonista é a adolescente Malu com seus problemas de “conflitos de gerações, relacionamentos na escola e namoros divididos entre o ‘pegar’ e o ‘ficar’” (p. 128). Escritos a partir do gênero crônica, bastante palatável entre os adolescentes, os textos não demandam necessariamente ordem para serem lidos.

Outro nome que circula no mesmo gênero é Paula Pimenta, que aposta na construção de textos em forma de diário. Seu livro de abertura é *A estreia de Fani* (2008). Essas autoras hoje também se fizeram graças à internet, já que sua visibilidade aumenta muito em virtude de *sites* e canais em que divulgam as obras a partir de vídeos que elas mesmas produzem. Resta saber se esses textos sobreviverão ao tempo ou apenas ficarão como registro de um momento de muita fragilidade nas ideias e na pouca formação crítica de uma parcela das últimas gerações de jovens e adolescentes.

Com “Fechando o livro”, as autoras tecem seus comentários finais, lembrando que muitas das produções assinaladas por elas nasceram associadas a uma certa didatização da literatura que ainda compromete o gênero infantojuvenil, apesar de boa parte dos escritores desse tempo tentar investir no lúdico e na arte literária. Salientam ainda que, apesar de essa questão pedagógica incomodar, talvez tenha sido por conta dela que o chamado novo indianismo veio à tona e, junto com ele, textos que poderiam representar a cultura afro-brasileira, apesar de elas não terem trazido para a discussão textos dessa temática, infelizmente. Finalmente, vale lembrar que a profissionalização desses escritores de literatura infantojuvenil dos últimos 30 anos aumentou significativamente, como lembram Lajolo e Zilberman, em número muito maior do que o de autores voltados para outro público, o que faz com que eles se inscrevam muito mais rapidamente no sistema literário e gerem maior visibilidade e importância para o gênero, ainda polêmico, da literatura infantojuvenil.

O livro de Lajolo e Zilberman se apresenta, por isso tudo, como um material muito atualizado e inovador para o estudioso da área da literatura, de forma geral, e da literatura infantojuvenil, de maneira especial, já que os conduz para a reflexão crítica sobre as políticas de leitura surgidas nos últimos 30 anos e as obras e os autores que afloraram no contexto dessas políticas. Acrescentamos a

essa discussão o contexto das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e dos gêneros multimodais, que têm contribuído para uma certa revolução no olhar sobre a materialidade da obra literária e sua relação com o público leitor infantil e juvenil, ao relacionar o texto literário a novas plataformas de leitura e suas consequências para a formação atual e futura de leitores.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R.

*Literatura infantil brasileira: uma nova outra história.*

Curitiba: PUCPress, 2017.